



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LARISSA AMORIM FRANÇA

**UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE
MORTE DE ESPANHÓIS E DE MEXICAS NO SÉCULO
XVI.**

Brasília, novembro de 2021



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LARISSA AMORIM FRANÇA

**UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE
MORTE DE ESPANHÓIS E MEXICAS NO SÉCULO XVI.**

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ PAULO FERREIRA NOGUERÓL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História.

**UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE
MORTE DE ESPANHÓIS E DE MEXICAS NO SÉCULO
XVI.**

Brasília, novembro de 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueira – HIS/UnB
(Orientador)

Profa. Dra. Susane Rodrigues de Oliveira – HIS/UnB
(Membro)

Prof. Dra. Edlene Oliveira Silva – HIS/UnB
(Membro)

Agradecimentos

Agradeço imensamente a meus pais, Franciele e Cesar Juliano, ao meu padrasto Leonardo, que sempre me acompanharam e insistiram no valor e na necessidade da educação. Agradeço também aos meus irmãos e irmãs Vitor, Sophia, Maria Gabriele e Miguel, a toda a minha família. A eles devo quem sou.

Aos meus amigos e amigas, Maria, Élcio, Fernanda e Wilson pois sem eles eu não teria conseguido e ao meu orientador, sem o qual não teria conseguido concluir esta difícil tarefa.

Sou grata a todos os professores pela dedicação, orientação, compromisso com a educação. Em especial, agradeço ao professor Noguerol, por sua imensa paciência, ética, coerência, sensatez e comprometimento.

RESUMO

A proposta desta monografia é analisar o processo de sincretismo dos ritos fúnebres, observando como ele se deu na sociedade Mexica a partir da conquista espanhola. O processo de conquista militar espanhola não se deu somente pela violência física, visando às riquezas naturais, mas também pela cultura e pela religião. Até porque os responsáveis pelo processo de sincretismo se consideravam missionários e se consideravam emissários não só de uma religião superior como também de uma cultura superior. Analisa-se a forte influência espanhola no processo de colonização espiritual na sociedade Mesoamérica, onde os europeus, no caso os espanhóis, viam os nativos como almas a serem salvas, que precisavam conhecer a verdadeira fé – a cristã. É importante salientar que hábitos praticados pelos Mexicas aos olhos dos cristãos eram tidos como demoníacos e também vistos como bruxaria.

PALAVRAS-CHAVE: sincretismo, rituais, morte, cristianismo, Mesoamerica.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to analyze the process of syncretism in funeral rites, observing how it took place in Mexica society from the time of the Spanish conquest. Therefore, the process of Spanish military conquest did not take place only through physical violence, aiming at natural wealth, but also through culture and religion. Even because those responsible for the syncretism process who considered themselves missionaries and considered themselves emissaries not only of a superior religion but also of a superior culture. It analyzes the strong Spanish influence in the process of spiritual colonization in Mesoamerican society, where Europeans, in this case the Spaniards, saw the natives as souls to be saved, who needed to know the true faith – the Christian. It is important to note that habits practiced by the Mexica in the eyes of Christians were considered demonic and also seen as witchcraft.

Key words: Syncretism, rituals, death, Christianity, Mesoamerica.

Lista de Figuras

Figura 1.....	17
----------------------	-----------

Sumário

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1- OS CONTEXTOS IBÉRICO E AMERÍNDIO DA CONQUISTA.....	08
1.1. Contexto Ibéricos.....	10
2.1. Contexto para a conquista: Mexicas	14
CAPÍTULO 2 – AS CONCEPÇÕES DE MORTE NO SÉCULOS XV E XVI.....	18
2.1- Elementos da concepção da morte para a cultura europeia às vésperas de 1492.....	18
2.1.1 Os locais pós-morte	20
2.1.2 O ritual de morte cristão.....	21
2.2)A concepção pré-hispânica da morte no Anahuac.....	22
2.2.1Os locais de morte mexica	24
2.2.2. O ritual morte mexica.....	26
2.3.Sincretismo.....	28
2.3.1. Rupturas e continuidades	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
BIBLIOGRAFIA	35

INTRODUÇÃO

As culturas são passadas de geração em geração, de maneira ininterrupta, 'por meio de seus códigos, posturas, costumes, histórias e informações acumulados ao longo do tempo.. Sejam orações para santos, ceias de natal, chocolates na pascoa, tudo isso é transmitido e aprendido por meio da Cultura . Roberto F. Murphy definiu cultura como um resumo de todos os conhecimentos, crenças e instruções para sobreviver, acumulados durante anos por uma sociedade e que desempenham o papel do sistema moral para ela¹. A partir desta interpretação da cultura, podemos pensar o campo da morte.

A morte para muitas sociedades é cercada de mitos, mistérios e medo. O assunto “morte” pode ser tabu para sociedades cristãs . Ele pode ser tratado de forma natural por algumas pessoas e os mortos podem ser venerados por outras, mas é principalmente evitado pela maioria das sociedades contemporâneas Por ser um assunto que ainda hoje relaciona-se muito com a religiosidade, a morte e seus ritos costumam estar acompanhados pelas crenças do indivíduo e de sua sociedade, causando uma dualidade entre o sagrado e do profano. Isto é o que faz a religião ter um caráter de realidade intelectual, e os rituais terem uma força moral. As entidades divinas, que fazem o fiel viver sabendo dos limites entre o certo e o errado, faz com que a sociedade viva com uma espécie de civilidade, onde quem não segue o que é sagrado pode ser punido pela sociedade em nome de Deus.

¹ MURPHY, Robert Francis: Úvod do kulturní a sociální antropologie, Praha, Slon, 2001.p.32-33.

Parte-se do ponto de vista de que o sistema de crença da maioria das religiões incluía alguma forma de vida após a morte, geralmente relacionada à existência de um plano da realidade separado do mundo físico, um lugar de deuses e criaturas e para onde os espíritos mortos iriam².

Neste sentido, a religião é uma questão-chave para a Antropologia. Para Syntia Alves, toda a nossa cultura nada mais é do que um imenso esforço para dissociar a vida da morte, conjurar a ambivalência da morte em benefício exclusivo da reprodução da vida como valor, e do tempo como equivalente geral.³ “(...) relacionar vida e morte, também nos sinaliza algo fundamental: a presença dos restos mortais como símbolo fundamental desta relação, em especial os ossos – que será popularmente representado pela imagem do crânio humano.”⁴ Os indivíduos, diante da morte, tomam providências as quais compõem os ritos mortuários. Eles são um conjunto social, simbólico de uma cultura, onde cada qual tem sua maneira de se expressar.

Com a expansão europeia em direção às “Índias”, frequentemente se pensa em acumulação de capital, mercantilismo, e aquisição de novas terras. Esta abordagem político-econômica, comumente associada ao uso da força militar e da violência, é interessante mas está longe de representar a complexidade do que foram as interações entre indígenas e europeus ao longo das conquistas e do período colonial.

Uma vez que os processos de centralização e unificação política vivenciados em Portugal e Espanha se deram em íntima relação com a religião⁴, mais precisamente, com o catolicismo, não se pode supor um distanciamento entre as esferas do político e do religioso quando da chegada dos europeus à América. Justamente nesse sentido, urge a necessidade de se observar a colonização numa perspectiva de conjunto e não apenas pelo prisma econômico ou político. Sendo assim, utilizando a terminologia empregada

2 ALEXANDER 2014,p.18.

3 ALVES, Syntia. *Mexicas e mexicanos: a morte como identidade cultural*. Agenda Social: eletrônico jornal. São Paulo, p. 82-90.

4 ALVES, Syntia p. 5.

por Serge Gruzinski, trataremos da colonização a partir do imaginário das sociedades pré-colombianas e espanhola.

Para adotamos a perspectiva da História social da cultura, pois entende-se que isto implica a noção de sociedade como realidade constituída simbolicamente, ou seja, constitui-se não “simplesmente pela massa dos indivíduos que a compõem, pelo solo que ocupa, pelas coisas de que se serve, pelos movimentos que realiza, mas, antes de tudo, pela ideia que ela faz de si mesma”⁵ Por isso analisaremos os seus rituais através de fontes primarias como o livro História General : de las cosas de Nueva España, terceiro volume do livro, do Frei Bernardino de Sahagún, que descreve como eram os rituais de morte mexicana. A utilização desta fonte tem a finalidade de buscar evidências de sincretismos nos seus ritos *post-mortem*. Desta forma, poderemos analisar como eram os ritos de morte tanto dos espanhóis quanto dos mexicanos.

O primeiro capítulo dessa monografia procura mostrar como parte das sociedades nativas do México e a sociedade ibérica viviam e quais foram alguns dos motivos que levaram às “Grandes Navegações”.

O segundo capítulo consiste na descrição dos rituais funerários tanto dos indígenas quanto da religião católica que era a religião dominante na Europa do século XVI e o elemento extra-americano que é fundamental para o sincretismo estudado nessa monografia.

⁵DURKHEIM, 1989 [1912], p. 500.

1. OS CONTEXTOS IBÉRICO E AMERÍNDIO DA CONQUISTA.

Em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo chegou à América aportando na ilha de Santo Domingo. Com a intenção de descobrir novas rotas para o Oriente, acabou dando um passo para a descoberta de um novo continente. Um continente em que havia vários povos e várias culturas, uma descoberta que os europeus não tinham ideia de que poderia ocorrer. Inicialmente, acreditou-se que aqueles eram territórios orientais, tanto que chamaram as pessoas que viviam ali de índios. Porém, mais tarde ficou claro que se tratava de outra região. A continuidade da expansão, após a “descoberta” da América possibilitou cada vez mais conhecer novos grupos, que não tinham a mesma noção de tempo e de religião. Os Mexicas, por exemplo, tinham o seu próprio calendário e ele não era usado no restante das Américas. Outro explorador que chegou às Américas foi Hernán Cortés antes de 1519. Diferentemente de Colombo, ele já tinha um objetivo específico quanto aos indígenas quando desembarcou e fundou Vera Cruz: uma campanha de conquista do México, a qual durou até meados de 1521. Tal conquista não foi somente militar e econômica, mas também pretendia ser religiosa.

Não se deve reduzir a conquista da América a uma mera exploração econômica, nem se pode confundir os objetivos existentes então com o que se praticou. Por exemplo, pode-se procurar compreender as intenções de Colombo a partir da maneira em que ele via o mundo. Tal mundo se dividia em três partes, conforme o protagonismo dos agentes que em cada uma atuava: uma era a natural, outra a divina e a terceira

humana⁶. No processo de conquista, podem-se encontrar pelo menos dois grandes impulsos para o navegante genovês: o humano (as Riquezas), e o segundo, que foi o divino (a planejada reconquista da Terra Santa a partir das riquezas que ele esperava amealhar).

O processo humano girava em torno das riquezas. As coroas de Castela e de Aragão estavam economicamente enfraquecidas depois da Guerra de Reconquista e precisavam reabastecer os seus cofres e estabelecer uma rota direta marítima com as Índias. Isto proporcionaria um método eficaz de arrecadação de impostos. Os produtos oriundos do Oriente contavam com rotas terrestres e com muitos intermediários para chegarem aos países Ibéricos. Ter uma rota direta seria muito mais lucrativo, pois além de conseguirem os produtos mais baratos, poderiam vendê-los para outras cidades-estados e reinos, ter um lucro maior por parte dos comerciantes que participassem do trato e, também encher as arcas reais com os impostos e direitos arrecadados.

No processo religioso europeu, o mais importante era a busca de novas almas. Os nativos foram vistos como membros em potencial para a cristandade. No pontificado do Papa Paulo III, uma bula papal de 1537 afirmou que os Índios eram ovelhas a serem resgatadas.

Nós, que, embora indignos, exercemos sobre a terra o poder de nosso Senhor e buscamos com todas as nossas forças recolher as ovelhas dispersas de seu rebanho no aprisco a nós confiado, consideramos, no entanto, que os índios são verdadeiramente homens e que eles não só são capazes de compreender a fé católica, como, segundo nos informaram, anseiam sobremaneira recebê-la.⁷

Esse “resgate” das almas se deu por meio da catequização. Conforme crescia a dominação espanhola, crescia de maneira quase proporcional a catequese. As estratégias

6 TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. A questão do outro; tradução de Beatriz Perrone-Moisés - 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.p.15

7 *Sublimis Deus* é uma bula papal emitida em 29 de maio de 1537, pelo Papa Paulo III

missionárias presentes na América variavam, dependendo do lugar e dependendo de qual ordem o missionário seguia. Os Franciscanos eram mais guiados pelas suas ideias de pobreza e de penitência corporal. Eles se utilizavam da cultura indígena para reformar traços da vida deles, entretanto introduzindo tais traços nos moldes espanhóis. Os Jesuítas, diferentemente dos Franciscanos, impunham mais fortemente as regras de conduta e castigavam a embriaguez e regulavam a vida sexual dos nativos. Porém todos eles tinham um traço em comum, que era enxergar os indígenas como potenciais cristãos, e não se negavam a punir, com uma violência variável, os modos de vida dos nativos.

1.1. Contexto Ibéricos

A sociedade espanhola do século XV era uma sociedade em expansão. O movimento expansionista espanhol foi um reflexo dos desejos ibéricos do final da Idade Média. Tal expansionismo foi encorajado pela classe dos comerciantes que estavam emergindo e se transformando em uma classe social com maior notoriedade. Eles se beneficiavam economicamente e socialmente com as navegações e as vendas de especiarias trazidas do Oriente, tornando-se mandatários das expedições. Sem haver maiores restrições, “Os próprios mandatários da expedição, os Reis de Espanha, não teriam se envolvido na empresa [de Descobrimento e colonização] se não fosse a promessa de lucro”⁸.

O ano 1492 foi um ano histórico para os ibéricos e representou um marco para a história da humanidade. Além do navegador Cristóvão Colombo ter chegado na América, também ocorreu pouco tempo depois, a conclusão do processo da Reconquista. As rivalidades contra o Islã - a queda da cidade de Constantinopla em

⁸ Todorov Tzvetan, 2016, p. 9.

mãos dos Turcos, em 1453 - tiveram um grande significado para a maneira como foi feita a conquista da América.

Além do motivo religioso, na Guerra santa “os objetivos eram evitar a propagação da fé Islâmica e expulsar os Árabes da Espanha. Essa guerra santa trouxe prejuízo para os cofres da Espanha.”⁹ Com os cofres vazios, a busca por especiarias e ouro ajudaram a alavancar as grandes navegações espanholas. “Com os custos da guerra e o problema agrícola, a solução seria se lançar nas grandes navegações e assim o poder econômico aristocrático seria reafirmado pelas novas gerações”¹⁰

Por outro lado, é fundamental retomar que o movimento expansionista europeu aconteceu dentro da lógica de formação dos Estados, especialmente na Península Ibérica. Após o casamento de Fernando de Aragão e Isabela de Castela, esta união favoreceu que os espanhóis, juntamente com a igreja de Roma, pudessem organizar (com o concílio de Trento) as bases da contra reforma, “com as reformas do Cardeal Franciscano Francisco Ximénez de Cisneros (1436/1517) na função de confessor da rainha e inquisidor de Castela e Leon, apoiou as tendências eclesiástico-políticas da época, fundindo a Igreja e o Estado, em íntima unidade.”¹¹

A Reforma Protestante trouxe um grande conflito para os reinos Ibéricos pois eles eram influenciados por um clero poderoso que detinha a “verdadeira” moral, a moral cristã. Os protestantes eram contra várias coisas que a Igreja fazia na época, como a venda de indulgências, corrupção que ocorria no alto clero por meio da qual eram perdoados os pecados em troca de dinheiro. A Igreja negava ou se omitia quanto à

9 BLANCO, Amanda Lopes, *Hernán Cortez e Montezuma – mentalidades influenciadas pelo sistema coletivo*. UFRJ.p.10

10 Idem

11 LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes.. *Corpo Calado: Imaginários em confronto*- Rio de Janeiro: 7 Letras , 2001. p 38.

investigação da prática, pois a Igreja detinha a “verdadeira” moral, e quem a contestasse era considerado um herege.

Em meio à Reforma, a busca de novas almas nas Américas tornou-se uma espécie de compensação pelas que se perdiam na Europa, ao mesmo tempo em que se procurava evitar que o protestantismo chegasse ao “Novo Mundo”. A Península Ibérica, por sua vez, era dividida entre diferentes reinos, como Portugal, Castela, Aragão, Navarra, Leão entre outros, marcados por uma grande devoção religiosa. Para essas sociedades bélicas, não havia diferença entre o trabalho missionário e a exploração¹², mas tinham suas individualidades e colonizaram de maneiras diferentes as suas colônias.

Porém com a perda de fiéis na Europa, a busca por novas almas culminou tanto em um esforço de expansão dos limites internos quanto sintetizou as forças dinâmicas da sociedade ibérica em busca de novas fronteiras além-mar.¹³ Com tudo isso, Colombo recebeu autorização e recebeu financiamento para partir em direção às Índias para conquistar novos territórios, fazer comércio e converter, quantos pudesse, ao cristianismo.

A conquista da América revelou-se, portanto, um processo altamente complexo, no qual os homens em armas nem sempre deram o tom. Se pelo menos no princípio foi uma conquista militar (...). Foi acompanhada por um movimento voltado para a conquista espiritual, por meio da evangelização dos índios¹⁴.

12 LEMOS, Maria, 2001. p 34.

13 ELLIOTT, John H. *A conquista espanhola e a colonização da América*. In: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina*. Volume I. Tradução: Maria Clara Cescato. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p. 138

14 ELLIOTT, John op. cit., p. 177.

Para a sociedade espanhola não existia uma divisão entre a religião e o Estado. *Orbis Chistianus*¹⁵ - A Doutrina de Jesus Cristo não era apenas para o setor religioso, mas também para todos os outros da sociedade. Com isso, a sociedade espanhola, apoiada pelo clero, tinha uma justificativa para toda a “barbárie” cometida contra as sociedades nativas. No entanto, havia pessoas que criticavam essa posição tomada pelo clero. Para o Frei Bartolomé de Las Casas, os índios eram prudentes e possuíam uma notável beleza. Eles se utilizavam de palavras bíblicas para justificar o que faziam no “Novo Mundo” seja para o bem, seja, para as atrocidades cometidas “espera em Nosso Senhor poder propagar seu santo nome e seu Evangelho”¹⁶.

Essa missão de propagar o nome santo de Deus, dada a Colombo, colocou o almirante num plano de ser simplesmente um instrumento de Deus, uma vez que Deus intermediou a sua ação e isso lhe proporcionou uma credibilidade quase inquestionável. Não só a ele, mas à Espanha também, dando aos reis católicos direitos sobre as terras conquistadas, justificando os massacres indígenas, e responsabilidades para com as almas daqueles que morriam antes de serem convertidos. No entanto, havia uma contradição: os espanhóis se utilizaram do nome de Deus para fazer qualquer coisa em nome Dele, poré, uma parte da Igreja condenava tratar os indígenas “como animais brutos, criados para o nosso serviço, pretextando que seriam incapazes de receber a fé católica”¹⁷. Apesar de que a Coroa estava buscando riquezas, o processo de dominação não se deu só no âmbito econômico, mas também através do processo de aculturação.

15 Para Lemos este termo se torna importante para explicar como funcionava a intelectualidade dos espanhóis na época. Assim como ela diz “*Orbis chistianus* não se limita a ser defendido como algo próprio e com tenacidade, mas, sob o ponto de vista religioso e político, transformou-se em senha capaz de conquistar o mundo. In. _____. *Corpo Calado: Imaginários em confronto*- Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p 34.

16 TODOROV, Tzvetan, 2016, p.10.

17 *Sublimis Deus* é uma bula papal emitida em 29 de maio de 1537, pelo Papa Paulo III

Dicha aculturación se da a diferentes niveles de contradicción, mediante procesos de control cultural como la apropiación, la enajenación y la resistencia., La causa de esta proliferación terminológica radica en la idea de intentar definir, con demasiada concreción, un proceso de gran complejidad que, desde el primer momento, y todavía, hoy en día, genera nuevos cambios y variaciones dentro del devenir social de las diferentes comunidades¹⁸

No entanto, mesmo com a sociedade espanhola do século XV sendo dominada pela Igreja, e não havendo distinção entre a esfera religiosa e a do Estado, a conquista foi não somente um acúmulo de terras e de riquezas. Segundo Todorov¹⁹, a necessidade de dinheiro e o desejo de impor o verdadeiro Deus não se excluem. Os dois são até unidos por uma relação de subordinação: um é meio, e o outro, fim.

Com o avanço do protestantismo na Europa, a Igreja Católica tinha olhos voltados para o “Novo Mundo”, para adquirir mais almas para a Igreja. É preciso prestar atenção que a conquista não se deu somente dentro do âmbito militar, mas junto a este estava atrelado também a conquista espiritual, onde as crenças dos indígenas foram rechaçadas pelos colonizadores. Porém acabou havendo uma assimilação de elementos tanto do catolicismo, quanto da religião mexica quanto da religião Maia, por parte dos nativos no que nós poderemos chamar de um processo sincrético “Maya images of saint, ancestor, and earth lord clearly reveal that syncretism here constitutes a highly selective recombination of symbolic forms, not simply an indiscriminate homogenization of Maya and Catholic faiths.”²⁰ Esse processo de sincretismo dos povos nativos ocorreu em várias “camadas” de cada cultura local.

18 TARGA, Juan García. *El concepto de muerte em el area maya durante periodo colonial. Etnohistoria y arqueologia como formas de acercamiento al processo de sincretismo cultural*,1995.pp. 90-91.

19 TODOROV, Tzvetan, 2016, p. 10

20 WATANABE, John.M From, *Saints to Shibboleths: Image, Structure, and Identity in Maya religious syncretism*,1990.P.145.

1.2) Contexto para a conquista: mexicas .

O povo Mexica²¹ se localizou entre a América do norte e a América Central. “En tres expediciones, unos españoles descubren México progresivamente: encuentran ciudades, templos, una abundancia de ídolos, sociedades civilizadas y culturas que nada tienen de la austera sencillez de las islas.”²² A área destacada em cinza (figura 1), no continente, representa o território Mexica.



Figura 1: A Mesoamérica antes de 1519.

A religião dominava todos os aspectos da vida Mexica. O mito da criação Mexica apresenta que o mundo foi criado quatro vezes e foi destruído três vezes. Isso mostra a instabilidade do mundo Mexica. Acreditava-se que o universo poderia acabar a qualquer momento se os deuses não estivessem satisfeitos “Angustiada por essa

21 Os Mexica foram batizados pelos descendentes dos toltecas de Azteca Chichimeca, ou seja, os bárbaros de Aztlan. Isto deu origem à palavra Azteca, que os espanhóis entendiam Asteca e que hoje, incorretamente, nós colocamos no plural Astecas.

22 BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *De la Idolatria: una arqueología de las ciencias religiosas*. Mexico: Fondo ColTulla Económica, 1992. P.14.

condição, a sociedade asteca convocava seus membros a preservar a criação dos deuses e, por extensão, a sociedade e a vida, por uma sequência de ritos e celebrações que incluíam o sacrifício humano”²³ Os sacrifícios humanos eram comuns para o povo mexica e também para outros povos que habitavam o México

el capellán de Cortés, López de Gómara, vuelve sobre ese episodio e incluso intitula un capítulo de su '*Conquista de México* "La religión de Acuçamil", es decir, de Cozumel. En él describe los templos, la' sacristías, los ministros, los sacerdotes, las capillas, los dioses, los ídolos, las ofrendas; en él refiere los sacrificios de animales y de seres humanos, las peregrinaciones de los fieles que se daban cita en la isla.²⁴

Nas guerras que eles travavam, não tendiam a matar seus inimigos, mas sim a capturá-los para usá-los nos sacrifícios. Esse fato surpreendeu em muito os soldados espanhóis durante os primeiros enfrentamentos com os nativos. O seu modo de lutar não tinha como objetivo matar o inimigo, mas sim capturá-lo como prisioneiro e, posteriormente, sacrificá-lo em uma cerimônia em que o guerreiro conseguiria que a sua alma imortal fosse merecedora da eternidade. Eles tinham previsões sobre como o seu mundo seria destruído e essas previsões se confundiram com a chegada dos espanhóis no México,

no pensaron ni entendieron sino que eran los dioses que habían bajado del cielo, y así con tan extraña novedad, voló la nueva por toda la tierra en poca o en mucha población. Como quiera que fuese, al fin se supo de la llegada de tan extraña y nueva gente, especialmente en México, donde era la cabeza de este imperio y monarquía.²⁵

Tanto os aspectos privados quanto os aspectos públicos eram manifestados de forma a agradar os deuses como por exemplo: os zigurates, palácios etc. E como eles eram politeístas, seus deuses tinha suas estratificações e suas 'especializações' por exemplo com a natureza, como o Deus do sol *Tonatiuh*. As cidades possuíam uma

23 BORDIN, Reginaldo Aliçando, Mito e religião na sociedade Asteca. V.8 .n 1. janeiro 2003. P.23

24 BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge.,1992.,p.14.

25 POTILLA, Miguel Leon *vision de los vencidos*. Cidade do Mexico: Universidad Nacional.v.2 Autónoma de México, DGSCA.2008. p 26.

organização político-religiosa, coexistindo com uma sociedade governada por um sistema de governo teocrático²⁶, contando com diferentes níveis sociais.

O historiador Miguel León-Portilha²⁷, em seu artigo dos anos 1980, buscou explicar o expansionismo Mexica através de argumentos socioculturais. Para ele, a elite mexica investiu na formação de uma imagem que afirmava seu papel na manutenção do universo. Os membros dessa elite se chamava *pipiltin*²⁸ e eram eles que elaboravam visões de mundo que os tornavam elementos centrais na preservação de seu universo. Eram eles que lideravam as guerras, organizavam o culto aos deuses e governavam os povos dominados e “com sua arte guerreira e sua habilidade de aprender com os povos entre os quais viviam, tomaram-se ricos e poderosos.”²⁹ Com isso puderam fundar Tenochtitlán, que pode ter sido uma das maiores cidades do mundo naquela época. Ela tinha por volta de cem mil habitantes com uma área média de dez mil hectares, e é neste local que hoje se encontra a Cidade do México.

No entanto, para S.Gruzinski (1988),³⁰ também havia uma fragilidade do controle sobre as áreas subordinadas ao longo do processo de expansão militar. Ele destaca os mecanismos empregados no processo de expansão militar e destaca que eram empregados mecanismo para a manutenção de territórios, como alianças, matrimônios e imposição de cultos religiosos. Essas fragilidades teriam ajudado os espanhóis na conquista do México, pois muitos povos não estavam satisfeitos com os Mexicas nem com seu estilo de governar e, por isso, ajudaram os conquistadores com a esperança de

26 Sistema de governo em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso, muitas vezes através da crença de que o governante era uma encarnação da divindade.

27 PORTILLA, Miguel, 2008.

28 O nome da elite Mexica.

29 MARANGON, Rosa Maria. *Mitos Amerígenas: das primeiras civilizações á conquista espanhola*. centro de pesquisa estratégicas“ paulino Soares de Souza“ UFJF. p.7.

30 GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginario: sociedade indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*; tradução Beatriz Pernone. Moisés - São Paulo: Campanhia das Letras, 2003.

se livrarem dos antigos conquistadores sem perceber que estavam contribuindo para novas formas de domínio.

2. CONCEPÇÕES DE MORTE NO SÉCULOS XV E XVI.

2.1) Elementos da concepção da morte para a cultura europeia às vésperas de 1492.

A concepção da morte para os ibéricos estava baseada em um sistema de crenças cristãs que foram se organizando e modificando ao longo do tempo. Segundo Philippe Ariés,³¹ as atitudes diante da morte mudaram de uma maneira muito lenta e poucas mudanças puderam ser notadas. Para os indivíduos que veem essas mudanças sob a ótica do período contemporâneo, não significa que elas não ocorreram. Elas ocorreram, mas de maneira mais subjetiva. Segundo Ariés³², o processo da morte se dividia em quatro etapas: “a morte domada”, “a morte de si mesmo”, “a morte do outro” e a “morte interdita”. As duas primeiras etapas, por serem as mais importantes para esse trabalho, são descritas abaixo.

A morte domada é apresentada como “o indivíduo diante da morte num processo que se pretende intercambiar.”³³ Ela está situada no período da Idade Média, no entanto é o período em que se começa a dar forma a como vemos a morte na Idade Moderna. Neste período, a atitude diante da morte era de resignação. “Havia, em razão disso, um profundo sentimento de impotência perante a doença e outros tipos de desgraças, restando aos sobreviventes implorar a misericórdia divina através da confissão, do jejum e das preces em intenção dos mortos.”³⁴

Essa morte era anunciada, as pessoas ficavam esperando por ela no leito de morte, e o próprio moribundo organizava a cerimônia e os protocolos de agonia “uma

31 ARIÉS, Philippe, 2017.p. 10.

32 ARIÉS, Philippe. 2017.p.10.

33 ARIÉS, Philippe. 2017.p.10

34 DECKMANN, Eliane Cristina Fleck. *Almas em busca da salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII)*. Revista Brasil. História. v.24, 2004. P 257.

lida que implica providências para morrer, com descrições extensas, um conceito a sintetiza ‘despoja-te de suas armas’.”³⁵ As cerimônias eram públicas e era importante que amigos, família, e mesmo crianças estivessem presentes, porém é importante salientar que a cerimônia tinha uma simplicidade que não dava espaço a dramas excessivos. Por volta do século IV, o culto aos mártires começou a ser popularizado e os enterros ocorriam *ad sanctos*³⁶ Os enterros aconteciam em ambientes sagrados, próximo aos túmulos de santos da Igreja.

A morte de si mesmo, “representa o juízo final, o código da biografia pessoal”³⁷. Acontece no período de transição da Idade Média para a Idade moderna, onde há mudanças, sutis, porém ocorrem mudanças de rituais. É neste período que houve uma mudança no conceito de Juízo Final. O que não acontecia mais era a morte anunciada, mas sim no leito de morte. A morte ainda era um evento público, porém aqui a morte é dramática. No leito de morte, há uma luta entre o bem (Deus) e o mal (diabo) sobre quem levará a alma do defunto, “Evil and happiness outweigh suffering, so long as the individual’s existence is not limited to this earth but has another dimension. This theodicy requires belief in an “afterlife” however defined.”³⁸. Nesta época também surgem os manuais de uma boa morte, que eram também representados em vários quadros e em gravuras como as abaixo apresentadas.

No século XVI, ainda havia um domínio da igreja sobre a vida e a morte das pessoas na Europa e era natural que ela participasse dos rituais relacionados com a

35 ARIÉIS, Philippe. 2017.p.10

36 ARIÉIS, Philippe. 2017.p.42

37 ARIÉIS, Philippe. 2017.p.42

38 RUSSELL, Jeffrey Burton. *O Diabo* as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo. Rio de Janeiro: Campus, 1991.p.18

morte. Nos dois quadros, pode-se observar que era necessária a presença de um clérigo na hora da morte para conduzir os rituais a ela relacionadas. Outro ponto que cabe lembrar é que a Europa do século XVI era devastada pela fome, pela guerra, pela peste e, por isso, pelas mortes. Não se sabia quando alguém poderia morrer e a vida era mais instável do que atualmente. Então era necessário estar sempre preparado para morrer. Por causa disso, havia a necessidade dos manuais e da ajuda do clero e da importância de deixar os testamentos prontos.

Os locais pós morte são significativos para os católicos desde o surgimento do catolicismo, pois eles são o resultado do que a pessoa fez em toda a sua vida. Era necessário se manter em constante vigilância para ter atitudes como a humildade para que se atingisse a morada do Senhor. Para os pecadores, se esperava que fossem para o inferno. Era considerado um pecador aquele que teve uma vida ruim segundo os dogmas da Igreja. As pessoas passavam a vida esperando que no final tivessem uma boa morte, ou seja, para que pudessem ir para o céu.

2.1.1 Os locais pós-morte

Os locais pós-morte para o cristianismo do século XVI são três: céu, inferno e o purgatório. O que contava para se ter uma boa vida após a morte era os arrependimentos dos pecados. Era uma matemática simples: se você tivesse uma boa conduta seguindo as doutrinas cristãs, seguindo os mandamentos, fazendo obras de caridade, jejuns etc, você iria para o céu e teria a salvação eterna e, portanto, não iria para o Inferno sofrer pela eternidade.

O inferno era a morada de Satanás, e para lá iriam aqueles que cometeram pecados e não se arrependeram ou que tivessem cometido pecados mortais, como blasfemar contra o Espírito Santo³⁹. No inferno as almas sofreriam pela eternidade.

³⁹ De acordo com Mateus 12:31-32 “Por isso vos declaro: Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada. Ao que disser alguma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; porém ao que falar contra o

O purgatório era um lugar intermediário, onde as almas que pecaram, mas pediram perdão, ficavam para se arrepender e receber a sua punição pelos seus pecados, se já não houvessem se arrependido em vida. E a responsabilidade de levar a alma das pessoas para o céu era dos vivos que deveriam fazer orações, comprar indulgências, praticar a caridade etc.

2.1.2 O ritual de morte cristão

Conforme já foi dito o ritual de morte era fortemente influenciado pela Igreja, salvo em determinados lugares. Esses rituais incluíam, entre outros atos, a leitura de testamentos, os ritos finais e a extrema unção. No testamento, o moribundo especificava onde queria ser enterrado e viabilizava a caridade aos pobres. Todo o processo era necessário para que a alma da pessoa fosse, ao menos, para o Purgatório, e com fé ela iria diretamente para o céu.

Cabia a cada indivíduo expressar as suas ideias, suas vontades e sentimentos sobre como queria morrer e para isso utilizavam do testamento. Segundo Ariés⁴⁰, o testamento foi o meio para cada indivíduo exprimir, frequentemente de modo muito pessoal, seus pensamentos profundos, sua fé religiosa, seu apego às coisas, aos seres que amava, a Deus, bem como as decisões que havia tomado para assegurar a salvação de sua alma e o repouso de seu corpo. O testamento não era unicamente para passar heranças, mas também para expressar os seus desejos.

Outro processo era o viático que ocorria após a leitura do testamento. Ele era feito para que o moribundo pudesse encontrar o caminho para o céu. Ele era levado ao sacerdote, e por onde passava, as pessoas deveriam se ajoelhar em sinal de respeito. No momento mais próximo à morte, se reuniam os familiares, amigos, vizinhos e o padre

Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro”.

40 ARIÉIS, Philippe, 2017,p.69.

em torno do doente para auxiliar a passagem para a próxima vida, e esperavam em silêncio. Ao dobrar dos sinos, era feita uma procissão que podia ser menor ou maior dependendo no nível social do defunto.

No mundo cristão do século XVI, o único período em que se festejavam os mortos era no dia de Todos os Santos e no Dia de finados (01 e 02 de novembro), quando se visitavam os túmulos dos parentes, faziam-se preces nas missas, oferendas de flores e velas eram acesas para iluminar o caminho dos mortos.

2.2) A concepção pré-hispânica da morte no Anahuac.

A cosmovisão mexica era profundamente marcada pelos elementos religiosos para justificar e explicar tudo, sendo “pautada no sagrado, não concebia que alguma coisa fosse feita sem uma orientação prévia dos deuses”⁴¹. A concepção de morte no mundo mexica diverge bastante daquilo com o que estamos acostumados na crença cristã.

Para os astecas, a morte se dava de maneira diferenciada, embora apresentasse algumas características em comum com a “morte domada” e a “morte de si mesmo” descritas por Áries. Nutriam um sentimento especial diante do fenômeno natural que é a morte e encaravam-na como um espelho que refletia a forma como viviam e seus arrependimentos, acreditando que a morte iluminava a vida. No conceito pré-hispânico da morte, o sacrifício (o ato de morrer) se completava com a doação do espírito aos deuses.⁴²

O culto à morte era algo comum e de extrema necessidade para o povo mexica.⁴³

Nesta perspectiva, os ritos fúnebres assumiam um caráter festivo, diferentemente dos ritos cristãos, pois o que definia qual seria o local pós morte de uma pessoa seria

41 LEMOS, Maria, 2001, p.55.

42 SOUSA Antônia ; SILVA, Kátia; FONTANELE, Helena ; *Os astecas e sua relação com a morte*. Ameríndia. v. 2, Número 2.2006, P.5.

43 COLLET, Fiorelo. *A visão dos vencido da América Latina*. Universidade Federal de Goiânia, 2001, p.4.

como morreu, e não como viveu. Não era a sua conduta moral no decorrer da vida o que importava. Além disso, os vivos também se lembravam dos mortos

“y todos los días de sus fiestas y regocijos les hacían ofrendas de sus comidas para que no les faltase en la otra vida donde pensaban (que) sus almas descansaban y les aprovechaban sus dones.”⁴⁴

Os enterros ocorriam dentro das casas ou em templos, dependendo do tipo de morte. No enterro se reuniam os familiares e vizinhos para a cerimônia em que rezavam e se despediam aos poucos do indivíduo no seu leito de morte. “Enterrábanlos dentro de sus casas o a las espaldas de ellas, echándoles en la sepultura algunos de sus ídolos; y si era sacerdote, algunos de sus libros; y si hechicero, sus piedras de hechizo y pertrechos.”⁴⁵

A los señores y gente de mucha valía quemaban los cuerpos y ponían las cenizas en vasijas grandes, y edificaban templos sobre ellas, como muestran haber hecho antiguamente los que se hallaron en Izamal. Ahora, en este tiempo, se halló que echaban las cenizas en estatuas huecas, hechas de barro, cuando (los muertos) eran muy señores.⁴⁶

A dualidade da morte era uma característica forte no mundo mexica, ao mesmo tempo em que se estava chorando pela morte

“Pero ya que venían a morir, era cosa de ver las lástimas y llantos que por sus difuntos hacían y la tristeza grande que les causaban. Llorábanlos de día en silencio y de noche a altos y muy dolorosos gritos que era lástima oírlos. Andaban a maravilla tristes muchos días.”⁴⁷

mas havia festas e oferenda com o passar dos dias para que sua alma pudesse ter uma boa vida pós a morte.

Para os povos de Yucatan, a vida e a morte eram partes integrantes uma da outra, pois eles morreriam e reencarnariam. Landa cita que “ha creído siempre en la inmortalidad del alma más que otras muchas naciones aunque no haya sido de tanta

44 LANDA, Diego, *Relación de las cosas de yucatán*, sacada de lo escribió, asociación europea de mayista, 1566. P.67.

45 LANDA, Diego, 1566, p.67.

46 LANDA, Diego, 1566, p.67.

47 LANDA, Diego, 1566 p.67.

policía, porque creían que después de la muerte había otra vida más excelente de la cual gozaba el alma en apartándose del cuerpo”⁴⁸. O que pode ser levado em consideração é que o mundo para eles era uma “eterna” continuidade. Que a vida era uma das etapas a serem cumpridas e era temporária, mais temida que a morte, pois, da morte eles sabiam o que esperar.

2.2.1 Os locais de morte mexica

Os mexicas acreditavam que existiam locais diversos para onde se ia após a morte e isso dependia de cada tipo de morte “Os astecas acreditavam que existiam cinco formas de morte. São elas: a morte comum, a morte dos guerreiros, a morte na pedra de sacrifícios, a morte relacionada à água e a morte de crianças pequenas. Apenas as quatro últimas proporcionavam a salvação incontestável.”⁴⁹

O local para onde iriam as almas das pessoas que tinham tido uma morte comum era *Mictlán*. Ele era considerado como o inferno para os cristãos. Era o local para onde iam todas as pessoas que tiveram uma morte comum, por causas naturais como velhice, acidentes, e a maioria das doenças. *Mictlán* era um local escuro, onde o deus Mictlantecutli reinava.⁵⁰

As mortes dos Guerreiros mortos em combates os levavam ao encontro do Deus sol, o que era semelhante a ir para o céu dos cristãos. Tinham o mesmo destino também aqueles mortos em rituais de sacrifício e as mulheres que tinham morrido no parto. Morrer em combate era uma das mortes mais exaltadas. Estariam automaticamente salvos aqueles que morriam em batalha. Neste local havia a possibilidade de reencarnar como algum animal, principalmente como pássaro, a exemplo do colibri.

48LANDA, Diego, 1566 ,p.68.

49 LANDA, Diego, 1566 ,p 68.

50 SOUSA Antônia ;SILVA, Kátia; FONTANELE, Helena ; *Os astecas e sua relação com a morte*. Ameríndia. v. 2, Número 2, 2006. p.6.

De acordo com Códice Florentino, os guerreiros mortos em combate iam diretamente ao paraíso oriental, onde estariam a serviço do Sol, o “príncipe turquesa”. Todas as manhãs, antes da aurora, se reuniam em uma vasta planície para aguardar o nascimento do Sol, cuja chegada acolheriam com grande felicidade. Ruidosamente, manifestariam seu júbilo com o bater de espadas de madeira nos escudos. Dançando e cantando, acompanhariam o sol até o zênite.⁵¹

A morte para quem morria na pedra de sacrifício era tão honrosa quanto aquela dos que morriam em batalha. Os sacrificados iam para o mesmo lugar e reencarnavam em forma de borboleta ou colibri. O modo mais comum de sacrifício era deitar na pedra do sacrifício para ter o peito aberto com uma lâmina, pelo sacerdote. O coração do indivíduo era retirado ainda pulsante e oferecido para os Deuses. Depois, era queimado e suas partes eram divididas para que a população as comesse.

“Quemados todos los corazones, mataban el fuego con los cántaros de agua de los chaces. Hacían esto para alcanzar con ello y la siguiente fiesta, buen año de agua para sus panes; luego celebraban la fiesta, diferentemente de las otras, pues para ella no ayunaban”⁵²

Tlalocan, o nome do jardim tropical, era o local de descanso para aqueles que Tlaloc chamava para viver eternamente na tranquilidade e na felicidade de uma espécie de paraíso. Para este local iam as pessoas que tiveram uma morte relacionada à água, sejam afogados ou atingidos por raios, assim como as pessoas sacrificadas para o Deus Tlalóc. As crianças pequenas, que ainda eram puras, também iriam para o jardim florido, onde viveriam em forma de pássaros voando entre as flores. Era um local em que não se reencarnava e aqueles que iam para lá eram considerados deuses.

y la buena y deleitosa para los que hubiesen vivido bien en su manera de vivir; los descansos que decían habrían de alcanzar si eran buenos, eran ir a un lugar muy deleitable donde ninguna cosa les diese pena y donde hubiese abundancia de comidas y bebidas de mucha dulzura, y un árbol que allá llaman yaxché muy fresco y de gran sombra, que es (una) ceiba debajo de cuyas ramas y sombra descansarían y holgarían todos siempre.⁵³

51 SOUSTELLE, Jacques. A Civilização Asteca; tradução de Maria Julia Goldwasser – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p.63.

52 LANDA, Diego, 1566, p.82.

53 LANDA, Diego, 1566, p.68.

Para os que morriam por causas relacionadas com a água, como por afogamento ou por raios, a morte era tranquila e o morto tinha o direito de ser enterrado, “e passava a ser cultuado como um escolhido de Tlaloc: deus da chuva e da fertilidade, muito cultuado devido a aridez de algumas regiões do México.”⁵⁴

O imaginário asteca com relação à vida pós morte está intrinsecamente ligado ao respeito que eles devotavam à natureza e à manutenção de sua civilização. Isso fica claro no destino previsto aos guerreiros mortos em combate e para as pessoas sacrificadas em rituais.⁵⁵

2.2.2. O ritual de morte mexica.

Os rituais de morte variavam de acordo com o tipo de morte que cada indivíduo tinha. Os melhores relatos sobre o assunto foram feitos por Sahagún. Segundo ele, os mais honrosos eram os daquelas pessoas que iam para o Tlalocan . A maior parte dos enterros de que temos relatos são dos nobres. Sahagún menciona, porém, que “esto hacían así en el enterramiento de los nobles como de la gente baja”⁵⁶ Em outras palavras, podemos imaginar que eram dadas as devidas honras fúnebres a todos, independentemente do nível social.. Como relata Sostelle⁵⁷” Os homens — mesmo os mais humildes — que se afogavam no lago, eram tidos como tendo perecido entre as garras do monstro aquático Auitzotl. Seus cadáveres eram cercados de intensa veneração e enterrados solenemente em um santuário dos deuses da água”.

Para se ter uma vida semelhante a que teve na terra, o Mictlán exigia oferendas para que a alma pudesse usufruir delas após a morte. “A família ainda queimava

54 SOUSA Antônia ;SILVA, Kátia; FONTANELE, Helena ; *Os astecas e sua relação com a morte*. Ameríndia. v. 2, Número 2.2006, p.7.

55SOUSA Antônia ;SILVA, Kátia; FONTANELE, Helena ; *Os astecas e sua relação com a morte*. Ameríndia. v. 2, Número 2.2006, p.8.

56 SAHAGÚN,2012,p.232.

57 SOUTELLE, Jacques,2002, p.64.

oferendas durante 80 dias (quatro meses) após os funerais, e depois, ao fim de um, dois, três e quatro anos.”⁵⁸ As pessoas que estavam no local da morte do indivíduo faziam preces para o morto, segundo Sahagún

O hijo!, ya haveis pasado y padecido los trabajos de esta vida! ya ha sido servido nuestro señor de llevaros porque no tenemos vida permanente en este mundo, y brevemente como quien se calienta al sol es nuestra vida, é hizonos merced de que nos conociesemos y conversáemos los unos á los otros en esta vida, y ahora al presente ya os llevó el dios que se llama Mictlanteculli y por otro nombre Aculnaoacatl, Tzontemoc, y la diosa que se dice Mictecacioatl, ya os puso por su asiento, porque todos nosotros iremos allá y aquel lugar es para todos, y es muy ancho, y no habrá mas memoria de vos[...]⁵⁹

Após essas preces, falavam palavras de consolo e incentivo para os familiares e as pessoas iam visitá-los regulamente. Depois começava a preparação para os rituais fúnebres. Segundo Marie-France Fauvet-Berthelot, Cecilia Rodríguez Loredó de March e Gregory Pereira⁶⁰, os rituais ocorriam logo após a morte. Os anciões colocavam ‘papeles’, que era um documento que o defunto necessitava na vida além morte, junto ao corpo. O corpo era colocado em posição fetal e o amarravam, depois jogavam um pouco de água na cabeça do morto e ao longo do processo os anciões iam explicando para que cada coisa serviria. A família, para ajudar o morto durante a sua peregrinação, queimava alimentos junto com ele; matava-se e incinerava-se um cão.⁶¹ A mesma coisa ocorria para as mulheres, que tinham seus pertences queimados.

Os escravos (mortos para este fim) eram enterrados junto com o seu senhor quando este morria, para que pudessem servi-lo no além morte. Os corpos eram cremados e se recolhiam as cinzas. Depois, eram enterradas em uma urna na residência da família ou no templo. Este era o ritual de quem ia para Mictlán.

58 Idem

59 SAHAGÚN, Bernardino, 2012.p260

60 Fauvet-Berthelot, Marie-France, Cecilia Rodríguez Loredó de March y Gregory Pereira 1996 Costumbres funerarias de la élite de Mixco (Jilotepeque) Viejo. En IX Simposio de Investigaciones Arqueológicas en Guatemala, 1995 (editado por J.P. Laporte y H. Escobedo).

61 SOUSTELLE, Jacques, 2002.p64.

Para os que morriam naturalmente, que no caso iam para Tlalocán, Sahagún informa que eles não eram cremados nem seus corpos comidos, como no caso dos sacrificados. Eram enterrados e no maxilar colocavam sementes, em sua nuca os “papeles” e em sua mão uma vara. No entanto, para os que iam de encontro ao deus sol, Sahagún não descreve o ritual mortuário, porém ele descreve que os guerreiros (que morriam em batalha) que iam para o ‘céu’, tinham flechas cravadas em seu escudo.

O calendário mexica era composto por dezoito meses de vinte dias e mais cinco dias que eram dedicados aos deuses. Também havia o calendário religioso que era composto de 365 dias, onde se media a duração em semanas, e cada mês ou semana marcava crenças religiosas e os sacrifícios. Os sacrifícios eram para agradar os deuses, pois cabia a eles a abundância das colheitas, a vitória militar e até os êxitos pessoais. No decimo quinto mês (entre outubro e novembro), se faziam sacrifícios e oferendas aos mortos em combate.

Um ponto importante a salientar é que o sacrifício humano era o que movimentava o mundo mexica, dando a coesão necessária para que o universo pudesse funcionar de maneira harmoniosa.

La visión del mundo o Weltanschauung, de los astecas, no concedía al hombre sino un papel ínfimo en la organización de las cosas. Su destino estaba sometido al todo poderoso tonalpohualli (ciclo do calendário). Su vida en el otro mundo no dependía en nada de consideraciones morales. Su deber consistía en combatir y morir por los dioses y por la conservación del orden del mundo. Además, la hechicería, los augurios y los presagios dominaban la vida cotidiana. Es un hecho notable que una visión tan pesimista haya podido coexistir con el maravilloso dinamismo de la civilización azteca.⁶²

2.3) Sincretismo

Segundo o dicionário Oxford, Sincretismo significa a fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos.

62 SOUSTELLE, Jacques. Op. Cit., p.56.

El concepto es particularmente relevante para la antropología mexicana, enfrentada desde sus orígenes a contextos religiosos en los que es difícil discernir entre el dominio vernáculo y el dominio externo, entre aquello que proviene de las antiguas tradiciones precolombinas y aquello que es producto de la empresa colonial.

No entanto, o termo sincretismo é uma palavra que traduz o impacto que a conquista militar e espiritual dos espanhóis causou na cultura pré-colombiana, buscando apagar quaisquer expressões religiosas e culturais. Ele possibilitou a manutenção, mesmo que parcialmente, da realidade das duas culturas que tiveram que abrir mão do requisito da ‘pureza’.

O processo sincrético se tornou um processo que é uma das principais formas de resistência indígena e contribuiu para a permanência das concepções mentais dos povos nativos, guardadas na memória daqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer sua cultura. Portanto, na realidade o sincretismo é uma forma de convivência entre os dois povos, que obrigando um lado a seguir o dominador, se utilizava do sincretismo para resistir. Os ibéricos nunca conseguiram a redução total ou a eliminação da identidade dos índios.

No entanto, cabe salientar que os franciscanos, e outras ordens, também se utilizaram do sincretismo para enraizar o catolicismo entre os indígenas, a exemplo da transformação dos deuses mexicas em santos católicos, como no caso de Tonantzin/Guadalupe⁶³

2.3.1) Rupturas e continuidades

Os missionários chegaram na Nova Espanha por volta de 1520. Com o objetivo de batizar e evangelizar o maior número de pessoas. A partir do processo de catequização, tentou-se acabar com as práticas locais para levá-las a acreditar somente

63 Um nativo teve a visão da deusa Tonantzin, porém segundo os espanhóis era a virgem de Guadalupe e construíram no local uma capela em sua homenagem, No entanto, para os mexicas ficou sentido tratada como Tonantzin/Guadalupe, uma associação de sua deusa.

em um único Deus. Os membros do clero que vinham para a Nova Espanha eram estimulados a aprender a se comunicarem com os nativos nas línguas deles. para poderem utilizá-las nas crônicas e pregações. Além disso, ficava mais fácil ensinar a língua espanhola se eles soubessem a língua nativa.

Havia resistência às imposições da Igreja e dos espanhóis, e elas se deram de diversas formas, principalmente no âmbito privado. Sabendo disso, os catequizadores começaram a converter os jovens. Segundo Maria Tereza Lemes⁶⁴, a educação era oferecida pelos cristãos em escolas que preparavam os jovens para o casamento e para a formação moral cristã. Nestas escolas, as crianças entravam aos 6,7 anos saindo aos 12 anos para casar com outros jovens que eram cristãos também, pois os padres acreditavam que se os alunos casassem jovens, não pegariam os vícios atribuídos à cultura nativa. Tinha-se o medo de que eles pudessem aprender o “paganismo”.

O cristianismo exigia a aniquilação total das antigas práticas e pretendia monopolizar o sacerdócio do sagrado e, portanto, a definição das realidades⁶⁵ Neste momento o domínio público era mais fácil de ser controlado do que o domínio privado. Além disso, para Serge Gruzinski⁶⁶, o grau de cristianização dos indígenas era muito difícil de ser medido, pois dependia das situações locais, das pressões, da comunidade e das escolhas individuais.

Havia a crença entre os espanhóis de que se eles destruíssem os templos, os cultos e tudo que girasse em torno das antigas crenças, os nativos adotariam sem restrições a fé cristã. E estavam enganados. Ao contrário de se apagarem, as práticas religiosas mexicas foram tomando outras formas nos espaços domésticos. As imagens de santos ganhavam altares e conviviam muitas vezes com objetos antigos (como pedras coloridas e estatuetas, entre outras) que os cristãos qualificavam como ídolos.

64 LEMES, Maria 2001

65 Gruzinski, 2003, p225.

66 Gruzinski, 2003, p225.

No que se refere à morte, os grupos mantiveram, a princípio, os costumes, no entanto, conforme a evangelização foi ocorrendo, o costume espanhol foi sendo difundido e se impondo. Uma vez que os espanhóis conseguiram conquistar Tenochtitlán, houve a preocupação de se fazer um cemitério para o enterro dos cristãos. Os rituais deveriam seguir as mesmas premissas que seguiam em Castela, ou seja, com testamentos, sacramentos, confissões, extremas unções etc. Esses rituais também deveriam ser seguidos pelos nativos recém batizados. Segundo Gruzinski “os adversários abandonam por força dos eventos ou perdem, em consequência de sua derrota, uma parte de suas referências”⁶⁷, no que se incluíam os ritos fúnebres.

Dentre muitos exemplos, pode-se utilizar os dos enterros que tinham ao mesmo tempo tradições cristãs e mexicas ou maias. Vários deles foram encontrados no projeto arqueológico de Tancah(Quintana Roo, México), um sitio arqueológico colonial encontrado na região de Uaymil-chetual, onde há 19 sepulturas com elementos tanto pré-hispânicos quanto de tradição católica, ‘Se han documentado, también, en Tancah, pervivencias claras de la tradición indígena: deformación craneana en algunos individuos, cuentas de jade, ofrendas de fundación ante el altar de la capilla, etc.’⁶⁸

Se por um lado, as tradições cristãs foram inseridas e seguidas, dependendo do local com maior ou menor intensidade mudando o funcionamento da comunidade, por outro lado foi mantida, de certa forma, parte da cultura indígena. Consegue-se verificar que houve, sim, rupturas, mas também continuidades que são a base da religiosidade mexicana contemporânea. Como rupturas, podem-se citar a quebra de tradições como sacrifícios humanos, a adoração a vários deuses e a adoção de vários rituais cristãos. No entanto, como já citado no texto, houve continuidades como as práticas de enterrar pessoas com pedras, ter estatuetas de deuses junto com figuras de santos em casa e transformar o dia dos mortos em uma festa que não possui comparação com as

67 Gruzinski,2003,p.85.

68 TARGA, Juan, 1995, p13.

festividades europeias para a mesma ocasião, uma vez que no México ela foi influenciada pelos rituais que celebravam a vida dos ancestrais, realizados pelos povos Mexicanos.

A festa dos mortos era celebrada junto ao calendário agrícola, que coincidia com o dia de todos os santos para os católicos. Vendo que não poderiam mudar em todos os aspectos a cultura local, o catolicismo introduzido pelos espanhóis não mudou o passado pré-hispânico; ao contrário, fomentou a forma religiosa de culto nativo aos mortos, dando-lhe outro significado, criando um sincretismo religioso.⁶⁹

Os missionários católicos durante a colonização espanhola, embora tentassem acabar com os costumes indígenas do culto aos mortos, apenas conseguiram modificar essas tradições e transferir o culto aos mortos para a data da festa cristã do dia de "todos os santos" e dos "féis defuntos", nos dias 01 e 02 de novembro de cada ano. A tradição da celebração dos mortos, entretanto, permaneceu mais ou menos igual aos costumes originais dos diversos povos indígenas. Assim, a população deu destaque à festa do dia dos mortos, sendo parte do imaginário e da cultura popular mexicana, passando a ser vivida de maneira sincrética, misturando culturas indígenas e catolicismo popular.⁷⁰

A fim de preservar, mesmo que minimamente, a própria cultura e a memória de seus antepassados, se fez imprescindível se adaptar à nova realidade. Deste modo surgiu o sincretismo que confere até hoje características peculiares às atitudes frente à morte do povo mexicano. Como Gruzinski nos anuncia, “seja pelos caminhos da clandestinidade, seja pelas vias oficiais, parte das técnicas e saberes antigos sobreviveu”⁷¹. Pode ter havido um afastamento com relação aos rituais antigos nas práticas religiosas, mas nunca houve um abandono completo delas.

69 VILLASENOR, R.L. & CONCONE, M.H.V.B. *A celebração da Morte no imaginário popular mexicano*. Revista Temática Kairós Gerontologia, v.15 São Paulo, 2012, p.39.

70 VILLASENOR, R.L. & CONCONE, 2012, p.40.

71 GRUZINSKI, 2003, p.41.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada dos espanhóis na América foi um marco para a história moderna. Mas principalmente para esses dois povos, um povo se viu sendo destruído e o outro se viu construindo o novo centro de dominação na Europa. Ou seja, a chegada dos espanhóis na América gerou mudanças nos dois povos, sejam elas positivas ou negativas.

Constatou-se, pela leitura das fontes, um processo progressivo de sincretismo que os nativos experimentavam na América, que tentavam manter as suas “raízes”. Seja por um lado, na esfera pública o cristianismo exercia seu poder de dominação, por outro lado, na esfera particular, as antigas práticas religiosas ainda sobreviviam, mesmo sendo golpeadas ao longo de todo o século XVI. Mesmo que de maneira sutil, como temiam os cronistas Sahagún e Landa, as “idolatrias” mostravam-se como uma forma de resistência e de resgate do seu passado.

Ao longo do desenvolvimento do texto verificamos através das fontes que existiam duas realidades completamente distintas em vários aspectos, especialmente em relação às atitudes frente à morte. Enquanto a Igreja se esforça para manter a pureza de seus ritos, de modo que os nativos pudessem ser inseridos dentro da fé cristã, o processo de evangelização se desenvolveu ao contrário do que ela queria. Ocorreu a mestiçagem das duas culturas, o que impossibilitou a existência de um catolicismo idêntico ao europeu, gerando assim um processo de sincretismo. Ao mesmo tempo em que a Igreja perseguia e tentava a extirpação de atos hereges, ela sabia que não poderia ter controle de tudo, consentindo, assim, com a sobreposição de imaginários e de valores.

O processo religioso de sincretismo pode ser observado e há uma predominância de elementos culturais espanhóis sobre os dos nativos. No entanto, as práticas funerárias têm sinais de sincretismos, como a posição do corpo e os materiais e objetos utilizados para os enterros. Não eram utilizados exclusivamente elementos cristãos, mas também elementos prehispânicos. A apropriação dos elementos europeus resultou em um conjunto apresentando uma nova funcionalidade dentro do ritual funerário.

A Igreja católica e os espanhóis impunham um padrão cultural-religioso para os nativos mexicanos, fazendo oposição às crenças e costumes nativos, considerando-os bruxarias, idolátricos e demoníacos. O processo de sincretismo é um processo de resistência e manutenção de toda uma cultura, mas também manutenção do poder da elite local que se utilizou disso para conseguir cargos públicos, regalias e dinheiro. Portanto não poderia haver uma apropriação dos elementos culturais espanhóis sem uma ressignificação deles.

Bibliografia

Fontes:

LANDA, D . *Relación de las cosas del Yucatán* Historia 16. Crónicas de América, n 7". Madrid.1985.

SAHAGÚEN, FR. Bernardino de. *História General de las cosas de la nueva españa*. Barcelona: e-book,2012.Disponível em google Books.

SUBLIMIS DEUS 29 de maio de 1537, pelo Papa Paulo III

Referências bibliográficas:

ALEXANDER, Bruno (ed.). **O livro das religiões**. São Paulo: Globo, 2014. 352 p.

ALVES, Syntia. Mexicas e mexicanos: a morte como identidade cultural. **Agenda Social: eletronic jornal**. São Paulo, p. 82-90.

ARIÊS, Philippe, 1914-1984 *História da morte no Ocidente : da Idade Média aos nossos dias / Philippe Ariês ; tradução Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.*

BERNARD, C. e GRUZINSKI, S.: *De la Idolatría - una arqueología de las ciencias religiosas*, México, Fondo de Cultura Económica, 1989. (compartilhado no google drive)

COLLET, Fiorelo. *A visão dos vencido da América Latina*. Universidade Federal de Goiânia, 2001, pp.213.

DECKMANN, Eliane Cristina Fleck¹. *Almas em busca da salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII)*. Revista Brasil. História. v.24, 2004 P 257.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELLIOTT, John H. *A conquista espanhola e a colonização da América*. In: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina. Volume I*. Tradução: Maria Clara Cescato. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p. 138.

FAUVET-BERTHELOT, Marie-France, MARCH Cecilia Rodríguez Loredó de. y PEREIRA Gregory *Costumbres funerarias de la élite de Mixco (Jilotepeque) Viejo*. En IX Simposio de Investigaciones Arqueológicas en Guatemala, 1995 (editado por J.P. Laporte y H. Escobedo), Museo Nacional de Arqueología y Etnología, Guatemala (versión digital) 1995. pp.462-484.

LE MOS, Maria Teresa Toríbio Brittes.. *Corpo Calado: Imaginários em confronto- Rio de Janeiro: 7 Letras , 2001. p 38.*

GRUZINSKI, S.: "Las Imágenes, los imaginários y la Occidentalización", In: CARMAGNANI, M. (org.): *Para una Historia de las Américas 1. - las estructuras*, México, Fondo de Cultura, 1999. (em anexo)

MARANGON, Rosa Maria. *Mitos Amerígenas: das primeiras civilizações á conquista espanhola.centro de pesaquisa estratégicas“ paulino Soares de Souza“ UFJF.*

MURPHY, Robert Francis: *Úvod do kulturní a sociální antropologie*, Praha, Slon, 2001.

RODRÍGUEZ, M. 2001 *Usos y costumbres funerarias en la Nueva España*, Colegio Michoacán y Colegio Mexiquense, México.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *O Diabo as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.p.18

SCOTT, J. Los dominados y el arte de la resistencia. Discursos ocultos, Colección Problemas de México, México, Ediciones Era.1990

SOLANO Nadir Chacín , *Prácticas y creencias religiosas en torno A la muerte: xcaret en los siglos xvi-xii, Quintana roo, méxico* Estudios de Antropología Biológica, XII: 1061-1081, México, 2005, ISSN 1405-5066.

SOUSA Antônia ;SILVA, Kátia; FONTANELE, Helena ; *Os astecas e sua relação com a morte*. Ameríndia. v. 2, Número 2.2006 PP.10

SOUSTELLE, Jacques. A Civilização Asteca; tradução de Maria Julia Goldwasser – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

TARGA, Juan García. *El concepto de muerte em el area maya durante periodo colonial*. Etnohistoria y arqueologia como formas de acercamiento al processo de sincretismo cultural,1995.pp. 90-91.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América. A questão do outro; tradução de Beatriz Perrone-Moisés - 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VILLASENOR, R.L. & CONCONE, M.H.V.B. A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. Revista Temática Kairós Gerontologia, v.15 São Paulo, 2012, pp. 37-47.

WATANABE, J. 1990 From saints to shibboleths: image, structure and identity in maya religious syncretism, American ethnologist 17: 131-147.